

## **SEXUALIDADE E HISTÓRIA: ASPECTOS QUE EMERGEM A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE**

Daivane Azevedo de Almeida

Fabiana Soares Fernandes Leal

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo descrever os aspectos que perpassam a construção da identidade adolescente na sexualidade, a partir de um estudo bibliográfico, destacando Reich (1979), Foucault (1998), Woodward (2013), Maia (2006), entre outros autores. Nesse sentido, a sexualidade como um tema caminhou no sentido de sua libertação à medida em que as sociedades foram solicitando essa mudança. Até o século XVII a sexualidade era um tema livre, sem restrição de idades e nem de condições, ao contrário no século seguinte onde o condicionamento para discutir esse tema se reduzia ao quarto, ao casamento entre o homem e mulher. O ato sexual livre atrapalharia a produção do trabalho nas fábricas, já que o sexo livre era um desperdício de energias. As insatisfações com o casamento, com o tratamento do assunto como algo tenebroso causou a revolução sexual, que por sua vez, apontou a sexualidade como um tema livre e libertador das abstinências exigidas pelo conservadorismo. Mas, com a revolução se revelou o fracasso: infecções sexualmente transmissíveis em escala maior, o aborto e suas consequências e a ausência de parcerias nas relações amorosas. O desenvolvimento da ciência e tecnologia permitiram o acesso aos conteúdos pornográficos, abortivos e outros mais. Portanto, esses percursos na história informam os aspectos que emergem a construção da identidade adolescente, visto que esse grupo é o principal grupo a ser atingido pelas influências do meio, através dos símbolos descritos pela cultura em sua essência ou por interesses do poder.

**Palavras chaves:** Sexualidade. Adolescência. Percursos Históricos.

**Abstract:** The present intends to describe the aspects that permeate the construction of adolescent identity in sexuality, from a bibliographic study, highlighting Reich (1979), Foucault (1998), Woodward (2013), Maia (2006), among other authors. In this sense, the sexuality theme moved towards its liberation as societies began to request this change. Until the 17th century, sexuality was a free topic, with no restrictions on age or conditions, unlike in the following century, where conditioning to discuss this topic was reduced to the fourth, to the marriage between man and woman. Free sex would hinder work in factories since it was a waste of energy. Dissatisfaction with marriage, with the subject "sex" treated as something dark, led the sexual revolution, which in turn, pointed to sexuality as a free and liberating theme of the abstinences demanded by conservatism. But with the revolution, failure was revealed: sexually transmitted infections on a large scale, abortion and its consequences, and the absence of partnerships in love relationships.

The development of science and technology has allowed access to pornographic, abortion and a other content. Therefore, these paths in history inform the aspects that emerge in the construction of adolescent identity, influenced by the environment, through the symbols of their culture or by the interests of power.

**Keywords: Sexuality. Adolescence. Historical course.**

## **Introdução**

A sociedade perpassou por mudanças significativas desde o século XVII até o cotidiano, implicando nas relações de poder, no silenciamento de alguns temas considerados polêmicos, até mesmo as revoluções decorrentes durante esse percurso. A sexualidade é apenas um dos temas que sofreu transformações quanto ao seu conceito, sobre as percepções das pessoas sobre a mesma, das identidades adotadas pelas sociedades e suas culturas. Cabe nesse esboço o ressaltado de que a sexualidade precisa ser abordada nos diversos ambientes, em espaços como a escola, a família e nas interações dos indivíduos. O enfoque deste trabalho por esse ângulo é a descrição dos percursos históricos da sexualidade e suas implicações na formação da identidade adolescente tendo como objetivo descrever os aspectos que perpassam a construção da identidade adolescente na sexualidade. Segundo a psicanálise freudiana a sexualidade não se reduz ao ato sexual, mas às satisfações do corpo como um todo e esses desejos derivam das influências culturais em que o sujeito participa. É fato que a criança desde o nascimento tende a se integrar ao mundo e as pessoas que fazem parte de sua convivência fossem influenciadores de suas construções, ou seja, a identidade não se constrói apenas da essência do ser, mas dos contornos vistos durante a vida.

Com base nos estudos feitos por Reich (1979) e Foucault (1998) a sexualidade e sua revolução, sempre acompanhou o modelo mercenário. A sexualidade no século XVIII ainda era restrita ao casamento e com finalidade reprodutiva, isto implica nas relações de poder econômico, e a partir de sua revolução (quebra de tabus) passou a ser de interesse também das finalidades culturais. Destarte, esses interesses emergem diretamente nas manifestações culturais de crianças, mulheres, adolescentes e outros grupos.

O adolescente, por apresentar uma busca maior por satisfação pessoal dos desejos é um dos públicos mais atingidos pelas culturas da identidade. A adolescência é a fase do

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

desenvolvimento humano, onde o indivíduo passa por diversas mudanças, desde as mudanças físicas proporcionadas pelas alterações hormonais provocadas pela puberdade, às mudanças nos papéis sociais, impostas e cobradas pelos pais, escola e sociedade. É um momento de intenso conflito para muitos jovens (ERICKSON apud FERREIRA; FARIAS; SILVARES, 2003, p.107). Na procura por resolver a problemática cobrança, o adolescente passa a adotar os modelos que lhes são impostos simbolicamente.

### **Metodologia**

Este trabalho apresenta um cunho bibliográfico, com análise e interpretação de textos relacionados ao tema abordado. É necessário fazer uma análise crítica dos materiais bibliográficos, para a obtenção da mensagem que o autor pretende repassar. As fontes utilizadas em pesquisa bibliográfica abrangem tanto publicações escritas como gravadas, podendo o pesquisador utilizar esses meios para fixar e expandir as ideias.

A pesquisa bibliográfica tende a buscar fontes para teorizar o tema escolhido, mas precisa desviar as repetições dos estudos feitos e “dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.183). Portanto, nessa pesquisa será apresentada uma abordagem acerca do tema escolhido, com reflexões relacionadas entre os aspectos relevantes do assunto sexualidade, sendo o mesmo um dos eixos entrelaçados paralelamente ao projeto de pesquisa intitulado *A construção de conceitos sobre identidade na adolescência: diferenças entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual*. A pesquisa citada é um projeto de Iniciação Científica em andamento (tendo vigência de 12 meses entre 2018/2 e 2019/1) pela Universidade Federal do Amazonas, Campus Humaitá.

A publicação do trabalho visa enriquecer as pesquisas e os conceitos formulados durante a investigação. Assim, publicações com vínculos nas pesquisas transversais tendem a permitir melhores argumentos nas elaborações dos relatórios parcial e final exigidos. Por conseguinte, a elaboração de artigos acadêmicos serve como ensaio da inserção na pesquisa científica, com intenções futuras em programas de pesquisas e pós-graduação.

### **Revisão bibliográfica**

A adolescência é uma fase de transformações significativamente conflituosas, da descoberta do corpo, da formalização dos conceitos e da identidade. Essa etapa da vida perpassa por crises de identidade, início da escolha profissional, da inserção na vida sexual e as dúvidas sobre o assunto, e também à busca incansável da autonomia. Os conceitos começam a ser concretizados em ações, sendo que esses conceitos estão direcionados à formação da identidade. Por esse caminho, Alves (2006) abrange formulações sobre as influências dessa construção porque:

[...] o adolescente não apenas está vulnerável aos efeitos das transformações biológicas corporais, mas, também as mudanças vividas no mundo moderno, do progresso científico, da tecnologia, das comunicações, das novas aspirações humanas e rápida evolução social, que se estabelecem em seu dia-a-dia e constroem sua construção como sujeito (p. 16).

Os efeitos causados por esses conflitos destacam que as transformações corporais, psicológicas, sociais e culturais têm relações com os referenciais observados em casa, na escola e nos diversos contextos. A sexualidade é uma temática que intriga os jovens, por apresentarem muitas vezes, dificuldade de dialogar com a família. Algumas pesquisas feitas por Savegnago e Arpini (2016) apontam que os pais se mostram preocupados com a iniciação precoce da vida sexual dos filhos. No entanto, quando conversam sobre sexualidade, se limitam apenas às consequências do ato sexual propriamente dito, como a prevenção de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis.

O ser humano desde o seu nascimento busca adaptações com o meio e desde a infância, constrói conceitos que formulam sua identidade e personalidade. Na adolescência, as cobranças são maiores, por ser essa fase a fase da moratória existente entre a infância e a adolescência. Assim, Erickson (apud VERÍSSIMO, 2002) aborda a adolescência como fase da confusão dos papéis, onde o que se pretende conquistar é a boa aceitação social em seus grupos, ou nos outros grupos e que são impregnados os aspectos culturais do ambiente.

A moratória existente entre os dois mundos perpassa por alguns anos, até a fase adulta. Existe a confusão de formar auto conceitos: De um lado, as pessoas lhe cobrarem ser adultos, e por outro as pessoas lhe pouparem por ser criança demais para determinado assunto ou ação. Mas, segundo Veríssimo (2002) ao esclarecer ideias de Erick Erickson

compreende que há uma resistência dos jovens quando reduzidos ao papel de crianças, porque:

De fato, pese embora o púbere esteja longe ainda de ser um adulto, gostando mesmo de afirmar as diferenças em relação a estes, o certo é que por um lado a maturidade biológica, seja a nível da genitalidade, e por outro a capacidade intelectual de abstração, compelem-no para fora do mundo infantil. (p.19)

A abstração de ideias decorrentes do universo adolescente encontra-se em transição, na medida em que existem relações significativas entre os grupos iguais de colegas, os grupos estranhos, os modelos de liderança, como os outros o enxergam em casa, na escola, e nos ambientes participantes. O adolescente se pergunta quem é como pessoa, o que vale experimentar ou não, a impressão que causa aos outros, seja no contexto geral ou a determinados grupos em que participa. Por estar em transição, a família, a escola e seus grupos sentem dificuldades em abordar temas transversais, entre eles a sexualidade. A sexualidade pode ser compreendida como um conjunto de ações que geram o prazer. Ao expor as relações entre sexualidade, influências sociais e culturais na construção da identidade, Savegnago e Arpini (2016) percebem que a sexualidade humana é parte da personalidade e está integrada com experiências afetivas e envolvem aprendizados socioculturais de convivências, crenças e valores constituídos ao longo da história. Em uma perspectiva biológica, a sexualidade refere-se às funções de diferenças sexuais e de reprodução. Mas, sendo a sexualidade um aspecto constituído pela história e logo pela cultura e contexto social é, pois parte primordial na construção da identidade adolescente, onde a mesma não segue o linear biológico.

Para a sociedade do século XX em que foram feitos estudos de Freud, o sexo era um assunto a ser velado e principalmente os jovens deveriam ser isolados a uma “abstinência sexual”. A abstinência é o controle compulsivo das vontades e desejos. Mas, pela psicanálise os controles das ações para o desejo poderiam transformar-se em um desejo inconsciente, ou seja, a insatisfação do consciente poderia causar um sentimento de desejo inconsciente, muitas vezes negativo. A exemplo disto, a psicanálise freudiana nos remete que a abstinência sexual pode impulsionar o indivíduo a ter desejo de fazer mal a alguém

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

de seu convívio social. A insatisfação de um desejo gera impulsos, o que pode interferir na construção da identidade adolescente.

A identidade adolescente deve ser discutida para que o mesmo se encontre no “eu”. Freud organizou uma sistematização da sexualidade, que segundo ele é percebida ainda na infância, mas é somente na puberdade que o desenvolvimento psicosssexual possui um foco na realização dos prazeres dos órgãos genitais e prazeres da vida. Na visão da psicanálise freudiana o conceito sexualidade é amplo e abrange muito mais relações além da satisfação dos órgãos genitais. O teórico não utiliza o termo “adolescência”, mas utiliza “Puberdade” por ser uma fase de transição da infância para a adolescência. Deste modo, as transformações psíquicas da puberdade lhe trariam condições de experimentar o novo e assim, formular traços que predisõem sua identidade. A identidade é estabelecida com a descoberta do próprio sexo – homem e mulher, as diferenças corporais com os traços primários e traços secundários que são os pelos, a voz, desenvolvimento dos quadris e a mama e pelas influências do meio cultural.

Na quebra de tabus gerada pela psicanálise freudiana, é visto que a sexualidade é algo abrangente ao mundo externo. Assim, complementando a ideia de Freud, Foucault (1998) entende a sexualidade como um produto do mundo econômico. A sexualidade até o século XVII era vista como comum a qualquer idade, sendo ela não reprimida diante da sociedade. Expondo essa ideia, “diz-se que no início do século XVII ainda vigorava certa franqueza. As práticas não procuravam segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas sem demasiado disfarce; tinha-se o ilícito uma tolerante familiaridade” (FOUCAULT, 1998, p.09). A partir disto Foucault faz uma crítica sobre o assunto (sexualidade) a ser estudado apenas na psicologia, abrangendo-a às questões de poder. O autor se baseia na burguesia Vitoriana, na Inglaterra século XIX, contexto em que o país era dominado por um partido conservador, sendo a sexualidade um assunto dado por encerrado.

O desenvolvimento do capitalismo tornou o sexo um assunto conservador, fútil e sem moral. A repressão sexual é nitidamente apontada nos questionamentos de Foucault. O sexo para a reprodução humana e somente isto, era o ideário conservador do poder burguês inglês. A moral deveria ser conservada, o ato sexual se reduziria à reprodução

sendo efetivado somente no casamento, onde o marido e a mulher eram responsáveis por manter o segredo do ato.

Complementando este esboço, é possível citar que:

Uma grave cautela histórica e política o protege pondo a origem da idade da repressão no século XVII, após centenas de anos de arejamento e expressão livre, faz-se com que coincida com o desenvolvimento do capitalismo: ele faria parte da ordem burguesa [...]. Um princípio de explicação se esboça por isso mesmo: se o sexo é reprimido com tanto vigor é por ser compatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa; na época em que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo aqueles reduzidos ao mínimo que lhe permitem reproduzir-se? (FOUCAULT, 1988, p.11).

Do ponto de vista conservador, o controle da sexualidade iria gerar controle econômico para a legitimidade do poder. Isso significa que, sendo o sexo reprimido, sem liberdade e reduzido ao casamento e ao mundo adulto, as forças de produção seriam maiores. Então, o sexo reprimido era uma indução de que as pessoas se prendessem a um só par, onde o ato sexual se reduz a tentativa de gerar filhos, uma vez ou outra, e isto requer menos energia no ato, podendo os trabalhadores poupá-las para os serviços nas fábricas e produzir mais. O sexo era visto como um gasto de “energias inúteis”.

Alguns paradigmas foram se desfazendo, e a repressão sexual teve um “fiasco” na revolução sexual do século XX. O surgimento do anticoncepcional, as insatisfações com o casamento, a repressão dos desejos foram os aspectos que contribuíram para esse acontecimento. Reich (1979) aborda que a revolução sexual teve muitas vantagens na formação das novas identidades culturais, mas o uso desta revolução para o poder causou um fracasso.

O sexo como livre arbítrio se transformou em alvo do mercado econômico e hegemônico. O surgimento da ideia de que o casamento é a base das contradições da vida sexual, umas dessas contradições é a exigência da virgindade da mulher da instituição do matrimônio. A sociedade passou a perceber que as misérias sexuais acarretavam a insatisfação do casamento, sendo este também formalizado de acordo com os interesses liberais da família.

Reich (1979) reforça que:

A reforma sexual procura, há séculos, amenizar a miséria sexual. A questão da prostituição e das doenças venéreas, a miséria sexual, o aborto e os crimes sexuais, bem como a questão das neuroses, estão sempre no centro do interesse público (p.63).

Ao longo dos tempos, sempre existiram reformas sexuais, sejam elas para a sexualidade vista como natural ou reduzida ao casamento. Mas sempre nas reformas houve interesses públicos e na maior parte, econômicos com a visão de estabilizar o poder de manipulação. Com o avanço da ciência e tecnologia, é apontado por Reich (1979), o fracasso da reforma sexual do século XX. A indústria de remédios obteve um crescimento significativo, principalmente na Alemanha. Muitas mulheres morreram na tentativa de aborto e outra porção adoeceu por infecções através dessas tentativas, as infecções sexualmente transmissíveis também aumentaram seus índices. A expansão do mercado econômico, a criação das clínicas, dos anticoncepcionais, de materiais pornográficos, faz parte dos interesses econômicos e culturais das sociedades.

Assim, Reich (1979) afirma que:

O caráter mercenário da atividade sexual, fora do casamento forçosamente destrói relações sentimentos entre os sexos, das formas mais claramente expressas na prostituição; o jovem divide sua sexualidade ao satisfazer sua sensualidade com uma mulher das “camadas inferiores” enquanto dispensa seu afeto e respeito a uma moça do seu próprio círculo social. (p.68)

Nos estudos feitos por Reich (1979), é vista a preocupação com a ausência das parcerias formuladas no casamento. O amor está posto em segundo plano, de certa forma o sexo livre é “selvagem” por não proporcionar limites e levar a sociedade a não refletir tanto quanto antes em suas práticas em torno da sexualidade. Todavia, a livre escolha com quem devemos nos relacionar proporciona um prazer e satisfação maior e é importante saber dos perigos do que isso pode retornar.

Por esse esboço de Reich, é viável compreender os fatores que vêm contribuindo para a permissividade do sexo fora do casamento. Analisando as preocupações tidas por Reich pela revolução sexual ser vista como fracasso tanto para o conservadorismo quanto para a própria revolução sexual, Alvarez e Nogueira 2008 apontam que “ a permissividade refere-se à aceitação de interações fora do casamento e a influência permissiva é aquela

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

que encoraja os envolvimentos sexuais numa variedade de relacionamentos” (p.62). Por isso, o sexo mais acessível tornou as relações matrimoniais mais vulneráveis a ter novos experimentos sexuais além do casamento.

O comportamento sexual pela infidelidade é um fato cada vez mais visto na contemporaneidade. O comportamento sexual relacionado ao ter sexo com mais facilidade está associado, na maioria dos objetos entrevistados por Alvarez e Nogueira (2008), ao sexo heteronormativo. Mas, em alguns casos, o ter sexo é conceituado pelos jovens como carícias nas partes íntimas, relações homoafetivas e até mesmo à ação de beijar. Contudo, os processos históricos sobre ter sexo dentro a heteronormatividade é algo que cabe à história da sexualidade, por ser um dos aspectos contidos na mesma, e logo as relações heteroafetivas não são bem aceitas pela cultura patriarcal ainda existente nos dias atuais.

A psicanálise contribuiu nesse processo histórico de conceitos sobre sexualidade. E assim sendo, com os consecutivos estudos sobre sexualidade ampliada à identidade cultural de uma sociedade, é possível perceber através de Foucault e Reich que a sexualidade é influenciada pelo contexto vivido, seja ele por parte de interesses econômicos, religião, partidos conservadores, onde todos esses apontamentos são constituídos pela identidade cultural.

É inerente fazer uma relação entre os fatores da construção da cultura como identidade adolescente. No contexto atual pós-moderno, a globalização prevê a homogeneização das identidades das pessoas como sujeitos que precisam ser iguais aos outros nos modos, na religião, no jeito de se vestir, de comer e de se comportar e na busca por descobrir os “mistérios da sexualidade”. Essa implementação de homogeneidade cultural provém dos meios simbólicos.

A simbolização da cultura dá-se por meio de significados produzidos nas crenças pelos objetos dos rituais. No cristianismo, por exemplo, o pão quando exposto em comunhão, representa o corpo de Cristo. No âmbito familiar, o mesmo objeto pode representar um alimento comum do dia-a-dia e em alguns casos, algo precioso que se insere a cada dia na mesa. O sentido produzido nos símbolos presentes na vida social é relativamente construído a partir dos significados adotados para o indivíduo. Mas, além da subjetividade é possível levar em consideração as relações coletivas.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

A adolescência na construção de identidade e de conceitos é percebida, no entanto como um processo que envolve ações individuais e coletivas de abstração, adotando as sensações de prazer mais bem vindas simbolicamente. Por isso, a sexualidade adolescente e seus conceitos não se limitam ao espaço biológico, como visto no mundo de alguns adultos ou no mundo animal, e carece ser amplamente discutida e dialogada nos ambientes de convivência.

No que se refere ao ato sexual como um acontecimento amplamente a ser dialogado, Amaral (2007) corrobora que:

No ser humano, no entanto, o ato sexual não é, como em outros animais, um ato puramente biológico. Ele envolve sentimentos, experiências anteriores, história familiar, orientação sexual, características físicas e até espiritualidade; todos esses aspectos influenciam a percepção sexual das pessoas e sua maneira de envolvimento com o ato sexual (p.02).

Na adolescência, os jovens são atraídos pelas inovações tecnológicas, televisão, internet em que as mesmas fazem propaganda do jovem “ideal” no cotidiano. Sendo esta fase apontada como a fase das “crises de identidade” agora em uma linha mais cultural, pode-se dizer que essas crises estão sendo observadas e elevadas ao quadrado nos dias atuais. Seja a visão de que o sexo é livre e podemos nos relacionar, experimentar coisas novas, satisfazer-se com roupas de marcas famosas, ter o celular de último lançamento, ou seja a visão de que a sexualidade se limita às transformações do corpo, das dúvidas sobre a menstruação, gravidez, ou à primeira relação sexual. As identidades dos jovens estão sendo fragmentadas por estes aspectos confusos da implementação de culturas ideais, em que desde crianças estão sendo vistas como um alvo frágil para as culturas midiáticas.

Estabelecendo essas compreensões, Alves (2008) apresenta que:

Apesar de o sexo ser, um dado biológico, a cultura ambiental pode interferir e até mesmo criar confusões a respeito do comportamento adequado que lhe responda: uma coisa que o adolescente é, outra como se comporta, já que este se representa no auge de sua definição e experimenta seus múltiplos eus (p. 18).

A construção da identidade se dá ao longo da vida, por estarmos dispostos a mudanças da sociedade, das culturas do que se é bem aceito, mas é na adolescência que ela precisa ser

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

conversada, entendida e formalizada. Contudo, a construção da identidade não é algo fixo, sendo a mesma flexível às novas aceitações do que não era aceitável há alguns anos, ou seja, permanece em constante construção à medida em que surgem novas experiências. Deste modo, a identidade é definida quando sabemos nos diferenciar um dos outros, e como consequência “a diferença é sustentada pela exclusão” (WOODWARD, 2013, p.09). Assim, ao refletir a identidade como marcada por símbolos, a compreensão da sexualidade se dá pela dissociação entre identidade pessoal e pelos símbolos que a representam.

Um dos fatores que envolvem essas reflexões é o condicionamento simbólico, aquilo que é bem visto na mídia, das roupas usadas, do corpo bem definido. O capitalismo atual interfere nos estilos de vida nas sociedades, distanciando a relatividade cultural, isto é, através dos símbolos existe a busca por homogeneidade cultural. Seguindo este modelo, Woodward (2013) afirma que:

Essas novas identidades, caricaturalmente simbolizadas, às vezes, pelos jovens que comem hambúrgueres do MC Donald’s e que andam na rua de walkman, formam grupos de consumidores globais que podem ser encontrados em qualquer lugar do mundo e que mal se distinguem entre si (p.21).

Diante dessa tentativa de corrigir e tornar a identidade pessoal algo globalizado, as crianças e adolescentes são o alvo principal de deslocamento das identidades subjetivas que implicam nas identidades dos grupos culturais. Os jovens na fase da adolescência buscam inserir-se e serem bem vistos diante de outras pessoas e de outros adolescentes nem que para isso precise seguir rótulos estabelecidos pela sociedade, mesmo que isso dependa de se igualar ao outro. Mas, na construção da identidade é preciso que haja a diferenciação, é inerente que a identidade se faz pela diferença.

Ainda nos apontamentos da identidade e da diferença, temos a influência do multiculturalismo nas mesmas. A liberdade sexual transforma os conceitos de antes em conceitos modificados, quando se discute a liberdade do ser livre. Percebendo as relações de identidade e diferença, Silva (2013) aponta que nos diversos espaços de concretização da cultura há ausência da teoria da identidade e da diferença.

Assim sendo, “na perspectiva da identidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

social diante dos quais se deve tomar posição”. (SILVA, 2013, p.73). A identidade geralmente é vista como aquilo que se é, ou seja, o autossuficiente, o que e quem eu sou. Em contrapartida, a diferença é caracterizada pelo oposto de identidade, o ele/ ela é. Saber se perceber diferente dos outros, é um aspecto que faz parte da construção da identidade. As afirmações sobre a diferença e identidade apenas fazem sentido quando são feitas as afirmações sobre a outra. Essa é a forma de tornar aquilo que somos como norma para aquilo que não somos. A conceituação linguística- que designa as diversas formas de comunicações e suas implicações é uma maneira de definir e perpassa por esse processo de identidade e diferença. No universo adolescente, ocorre a diferenciação de si para o outro e do outro para si, sendo adotados papéis cabíveis a essa etapa da vida, buscando uma identidade melhor aceita em seus ambientes de convívio.

Esses modelos culturais e sociais são criados pela escola e família, quando são adotados os paradigmas ofertados como mais bem aceitos. As discussões sobre a sexualidade são silenciadas, por serem vistas como um tema direcionado ao mundo adulto. Apesar desses tabus continuarem sendo cultivados, a sexualidade invade a escola por meio das atitudes que os alunos possuem em relação ao seu convívio social, por meio de experiências vividas e trocadas nesse contexto.

Em uma pesquisa feita por Amorim e Freitas (2013), o que mais se trabalha na escola sobre sexualidade é o aparelho reprodutivo e por isso, “no contexto escolar ainda existe muito silenciamento por assuntos que dizem respeito à sexualidade, esse ato aparentemente bloqueado, trazido por um histórico social, também impede muitos educadores de levarem a discussão de sexualidade até a sala de aula” (p.02). Os rótulos criados pela sociedade não interferem tanto quanto as informações sobre a sexualidade, pois a globalização se remete às novas tecnologias, por outro lado, os rótulos podem ser vistos como empecilhos nessa construção.

O adolescente na construção de sua identidade perpassa por uma espécie de moratória, sendo ela um período de transição de experimentação do novo- o que geralmente está associado ao início da vida sexual, ao experimento do uso de álcool e drogas, da adoção de novos estilos de roupas, cabelo e jeito de andar. Por esse olhar, “a construção da sexualidade e das questões de gênero na adolescência socialmente, ainda se caracteriza pelo compartilhamento de saberes e experiências de pais, mães, responsáveis e aqueles

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

do seu convívio social” (AMARAL; DANTAS, 2017, p. 63). Sendo assim, estabelecimento de uma identidade negativa em que o adolescente se conforma com a falta de sentido e acaba adotando modelos prontos, acarreta na adoção fidedigna de rótulos.

Durante o amadurecimento da transição da infância para a fase adulta, é comum que sejam adotadas identidades provisórias que muitas vezes se dão até o engajamento da autonomia. Enfim, o adolescente transpõe sua fase juvenil ao assumir um papel social que é trabalhar, tornando-se independente financeiramente e deixando de morar com os pais e sente-se mais livre para fazer suas escolhas e para responder: “Quem sou eu?”. Para isso, as reflexões sobre a sexualidade que abrange muito mais do que ato sexual, precisa ser apontada em forma de igualdades até mesmo quando são feitas escolhas sobre o próprio corpo, sobre o início da vida sexual, dos tipos de roupas a serem usadas, dos estilos de vida mais confortáveis aos jovens, sem desconstruir as identidades.

Nas diferenças sexuais, os estudos apontam que existem rótulos direcionados ao homem e a mulher. Nesse sentido Solaro (2015) nos remete a pensar na sexualidade como parte da construção da identidade, fugir dos rótulos, e não apontar somente a escola como responsável por manter diálogos que abrangem sexualidade. Mas, uma problemática que Silva e Soares (2013) aponta é o estereótipo criado pelos docentes em relação aos adolescentes. Em suas pesquisas, as autoras trazem que os docentes possuem uma visão demonizada dessa população. Os jovens são classificados como “alienígenas” nas instituições educacionais e isso implica na formação da identidade. É preocupante a falta de compreensão de que os jovens são seres subjetivos, são dotados de culturas diferentes, oriundos de contextos e famílias diferentes.

A cultura midiática pode ser uma influenciadora nessas definições. O que acontece é a erotização das jovens, como modelos de beleza e sucesso financeiro. No caso dos jovens, a violência transmitida pela mídia como concretizada cada vez mais por pessoas jovens, o que direciona a constituição de um olhar diferenciado ao jovem contemporâneo.

A linguagem adolescente tem por finalidade a inserção destes nos grupos culturais. A produção social dos jovens gira em torno do ser diferente de outros grupos e ser igual ao grupo em que tal é integrante. As gírias, o jeito de andar e as diversas linguagens para a comunicação designam as formações de novas identidades. Essa é a forma de tomar

aquilo que somos como norma pelo que nós somos. Os conceitos linguísticos são uma forma de definir esse processo.

Entre esses processos de novas formações de identidades, através das comunicações, a sexualidade se constrói dentre os processos de construção de novas identidades. Por isso, Amorim e Freitas (2013) apontam que “a sexualidade é algo inerente de cada pessoa, na qual passa por mudanças constantes e que se constrói a partir da realidade de cada um, do meio social que se insere ou até mesmo por novas buscas de identidade” (p.02). As buscas por novas identidades são consequências das dúvidas causadas nos meios de convivência como a escola e a família.

As mudanças apontadas como mudanças radicais e que dificilmente retornariam ao estado inicial dos conceitos sobre a sexualidade dos jovens na construção de suas identidades. Apesar dessas transformações contemporâneas, a escola ainda conserva os assuntos acerca do tema. Nesse sentido Amorim e Freitas (2013) retratam que: “no contexto escolar ainda existe muito silenciamento por assuntos que dizem respeito à sexualidade, esse ato aparentemente bloqueado, trazido por um histórico social, também impede muitos educadores de levarem a discussão até a sala de aula” (p.02). Na escola o tema sexualidade é apontado como responsabilidade das ciências biológicas, em que muitos fatores contribuem na ausência dessa orientação no âmbito escolar, tais como a falta dos conteúdos nos livros didáticos, dificuldade de expressar concepções de sexualidade, entre outros.

É preciso ter a visão de que a sexualidade como uma construção histórica e cultural implica na formação das novas identidades e esta temática não se limita apenas ao caráter biológico. São diversos os fatores que rodeiam a construção de novas identidades e os impactos que a revolução sexual vem causando na humanidade. Portanto, a sexualidade deve ser dialogada em diversos espaços que os adolescentes estão inseridos, mas que esse diálogo seja feito de maneira reflexiva para que os jovens vejam possibilidades de não serem tão manipulados por aquilo que parece perfeito.

## **Considerações Finais**

A abordagem do assunto sexualidade perpassou por transformações ao longo de sua história. Os interesses econômicos, a utilização dos símbolos culturais designa essas mudanças. A revolução sexual ocorreu para a contradição do conservadorismo, a libertação do ato sexual, a criação de métodos contraceptivos e a liberdade de escolher o casamento ou se relacionar sem compromisso.

Por outro lado, a revolução sexual é vista como um declínio dos cuidados com o eu, com o corpo e da ausência do companheirismo das relações amorosas. Sendo este um ponto fragilizado, as identidades vistas nas sociedades possuem fragmentos desse declínio, ou seja, a identidade é percebida como fragmentada, uma vez que as pessoas estão fragmentando-se cada vez mais as culturas simbólicas. Sendo assim, os símbolos estão sendo mais elevados nas construções de novas identidades, principalmente nas simbologias direcionadas aos jovens adolescentes.

Portanto, é crucial a participação da família nas vidas desses jovens nas questões de sexualidade como construção da identidade. Em seguida, a escola pode intervir de maneira reflexiva ao abordar esses temas, indo além dos aspectos biológicos que a circulam. Deste modo, intervir informando os jovens sobre as armadilhas da mídia, das propagandas que buscam a igualdade da identidade de todos, sendo a sexualidade como construção da identidade evidenciada como homogênea, segundo a cultura midiática atuante.

## **Referências**

AMARAL, Vera Lúcia. **Sexualidade**. Psicologia da educação-programa Universidade à distância. Natal, RN: EDUFRN, 2007.

AMORIM, Alcione Maria Melo. FREITAS, Liliâne Miranda. **Que temas sobre sexualidade mas interessam aos jovens e adultos? Análise em uma escola parceira do PIBID/ UFPA**. Atas do IX encontro Nacional de Pesquisa em educação em Ciências- IX ENPEC – Águas de Lindoia, SP- 10 a 14 de novembro, 2013.

ALVAREZ, Maria- João. NOGUEIRA, João. Definições sexuais de estudantes universitários. *Revista psicologia*, vol. XXII, Lisboa: edições colibri, 2008. Pp 59-76.

CORRÊA, Gustavo Figueredo Pires. **Corpo e sexualidade na contemporaneidade.** III simpósio Nacional de Educação Sexual: Corpos, Identidade de gênero e heteronormatividade no espaço escolar. Abril, 2013.

FOCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber.** Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque. 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

MAIA, Raquel Ferreira et al. A influência da mídia na sexualidade do adolescente. *Revista Marckenzie de Ed. Física e esporte*, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia Científica.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais.** **Cap.II.** 13.ed. Rio de Janeiro, Vozes:2013.

REICH, Wilhelm. **A revolução sexual.** Tradução: Ary Blastein. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

RIBEIRO, Moneda Oliveira. A sexualidade segundo Michel Foucault: Uma contribuição para a enfermagem. *Revista escola de enfermagem*, v. 33, nº 4, p. 358-63, 1999.

SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro. ARPINI, Dorian Mônica. A abordagem do tema sexualidade no contexto familiar: o ponto de vista de mães adolescentes. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão.* Jan/ mar 2016. Vol. 36, nº 1, 130-144.

VERÍSSIMO, Ramiro. **Desenvolvimento Psicossocial (Erick Erickson).** Revista Psicologia Geral. Porto, Faculdade de Medicina, 2002.

WOODWARD. Katryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos Culturais, cap I- Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

**Recebido: 20/11/2019.**

**Aceito: 20/5/2020.**

**Sobre autoras e contato:**

**Daivane Azevedo de Almeida** - Graduanda da Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas campus “Vale do Rio Madeira”, IEAA.

E-mail: daizevedo321@gmail.com

**Fabiana Soares Fernandes Leal** - Doutora em Psicologia pela Universidade do Porto/Portugal. Docente da Universidade Federal do Amazonas campus “Vale do rio Madeira”, IEAA, atuando na graduação e pós-graduação.

E-mail: fabianafernandes2801@gmail.com